# VESPAS

PORTO
Typographia de A. J. da Silva Teixeira
Cancella Velha, 62
1880

BIBLIOTECA DULCE FERRÃO
OFERTA - 31 JAN. 2001

EDUARDO DE BARROS LOBO

# VESPAS

REVISTA MENSAL, CRITICA E HUMORISTICA

N.º 1

Janeiro de 1880

R. 101

Livraria Internacional
DE
Ernesto Chardron — Editor
Porto e Braga
—
1880

# Summario

Quem somos, d'onde vimos, para onde vamos? O moderno diccionario philosophico. O nihilismo em Portugal. Receita para arruinar monarchias. Jornalismo, anemia e syphilis. A grammatica e a dignidade. O sacerdocio da imprensa. Jornalistas e jornaleiros. O norte. Porto. A democracia e o bife. A grandeza da pequenez. Theatros. As *Vespas* e as navalhas. — Os espectaculos do Palacio de Crystal, em beneficio da associação dos bombeiros voluntarios. O circo. Egoismo, dedicação e uniformes. Os fatos de malha. Dandysmo portuense. A corrupção do segundo Imperio e o genero *canaille*. Galanterias que reclamam bengaladas. O espectaculo gymnastico do Palacio de Crystal considerado como symptoma. Dandys e palhaços. Parallelos de Victor Hugo com o snr. Guilherme Gomes Fernandes e do barão de Rotschild com o snr. visconde d'Alves Machado. O espectaculo de declamação. As tripas e as palhaçadas. — O novo partido. O snr. Luciano Cordeiro e o snr. conde de Valbom. As pulgas e as conquistas sociologicas. Hypothese de um caso que se dará d'aqui a alguns seculos. — Coudelaria politica: a questão da Penitenciaria, as obras publicas do Algarve, a concessão da Zambezia e as gratificações illegaes. — Justifica-se o facto de se não exporem milhares de novas conquistas philosophicas em quatro duzias de linhas, com o apparecimento d'uma syncope que ninguem cá chamou.

Julio de Carvalho

# VESPAS

LEITOR:

Pódes a teu gosto julgar a apparição d'esta ligeira chronica um facto calamitoso, após as ultimas chuvas de janeiro, como o despontar d'um cogumelo venenoso; e todavia fazemos certo empenho em te declarar que o nosso rutilante enxame vem de caso pensado e rixa velha, através das enxurradas do inverno, com um proposito a nosso vêr meritorio: o d'acordar no teu animo, como um excitante de satyras bem aguçadas e finas á flôr da epiderme social, a noção innata do senso commum, — ainda assim não tanto commum como á primeira vista parece, — visto que o jornalismo indigena, com a uniformidade marcial d'um *mot d'ordre,* se tem constantemente empe-

nhado em a adormentar á força de velhacarias prudhommescas.

Para isso, comtudo, é possivel que tu esperes de nós um programma, um plano de campanha a seguir; e bastante nos peza notificar-te desde já que somos refractarios a semelhante começo de publicidade, bem que elle esteja nos habitos das gazetas que principiam e dos partidos que se fundam, juntamente com o principio infallivel de o não cumprir jámais. Não te daremos programma, portanto; preferimos dar-te charutos, — quando os tenhamos.

Ás tres perguntas que no teu espirito se formulam a nosso respeito, e que poderiam synthetisar o programma que anceias, — quem somos, d'onde vimos, para onde vamos? — daremos apesar de tudo as tres respostas de rigor, sem que de modo algum nos equiparemos aos foguetes de bombas: somos na imprensa, apenas uma vez por mez, a expressão escripta do bom senso que no teu intimo reconheces todas as noites, ao deitar na cama, quando a vela apagada te esconde aos olhos da galeria, e pódes sem receio de melindrar nenhuma susceptibilidade burgueza rir-te á vontade dos ridiculos dos teus concidadãos e dos teus proprios; vimos alli de cima, da calçada dos Clerigos, com a missão explicita de soltar sobre a época um bando d'ironias aladas; e quanto ao ponto para onde vamos, só podemos provisoriamente afiançar-te que não é para a gloria, pelo motivo bem simples de que é para o *Suisso,* a tomar café e cognac.

Entra comnosco, senta-te, aceita uma chavena; e como a tua vocação não é evidentemente para cavaqueador scintillante, como tens o gesto algum tanto pesado e a prosodia algum tanto minhota, como em cada seis palavras misturas, termo medio, duas obscenidades e um aphorismo *banana,* esforça-te por tomar ao menos uma attitude correcta de quem escuta, faze por esboçar de tempos a tempos o sorriso de *bom-tom* que amenisa os largos silencios com apparencias de subtil adhesão, e ouve:

*

Não sei se alguma vez tens sentido dentro em ti, com o vago esfumado das visões intuitivas, a apprehensão d'um esboroar lento mas seguro da tua, — da nossa sociedade; em todo o caso, esse esphacelamento progressivo existe, manifesta-se a cada instante em symptomas quasi imperceptiveis, na tua politica, na tua litteratura, na tua arte, nos teus costumes. A época é d'abominação. O moderno principio philosophico da — lucta pela vida — antes de formulado em tres palavras que sôam como um cantico d'exterminio moral, estava já latente no espirito dos exploradores de todos os feitios, que assolam o mundo como paiz conquistado. Quando muito, como preito ás virtudes antigas e excesso de pundonor archeologico, cada um trata de ser um pouco menos canalha que os outros. A rigidez de principios é um

archaismo, e a honestidade é um sentimento obsoleto. A agua circassiana adquiriu fóros de cidade como philtro d'amor, o balsamo de copahiba assumiu as proporções d'uma instituição preponderante.

O diccionario transtornou-se *de fond en comble*. Ser integro é ser tolo. Ser traficante, no derradeiro quartel do seculo XIX, impõe veneração ás massas, como na idade média a impunha o ser um cavalleiro *sans peur et sans reproche*. Ter a bella generosidade fidalga sem preoccupações mutualistas, sem pensamento reservado d'engodo, é para os gordos burguezes da época um documento d'insania mental, e até o Codigo lhe inflige castigo condigno em Rilhafolles, n'um artigo que agora não estou resolvido a procurar, muito embora a citação do numero me besuntasse com certos laivos de erudição barata. Acreditar em Deus é um anachronismo censuravel, e tanto que o snr. Guerra Junqueiro tem-se immortalisado a fazer esperas de sicario ao Jehovah das Sagradas Escripturas, atraz da porta dos editores.

Faz-se uma assuada systematica d'alexandrinos carnavalescos a tudo que na época presente conserva um aroma historico das passadas eras, — aroma que apodam de bafio, — e fabrica-se uma aureola de lata franceza á corrupção moderna, engastando-a n'uma soberba apotheose de papel dourado e de fio de magnesio, a seis vintens o metro, com a sua côrte celestial d'anjos vestidos de gaze remendada, até meio da perna, d'uma vigorosa carnação esculptural d'algodão em rama. Assim, o coche archeologico do snr.

marquez de Vallada, um grande senhor *qui aime à s'entourer d'un luxe asiatique*, segundo a phrase d'um jornal parisiense, — tem fornecido materia para risota a toda uma geração de litteratos que alardeiam de espiritos fortes.

*

A desorganisação social é flagrante e ha-de ser completa. Entre nós caminha ella sem abalos, com uma caturrice manhosa que se exerce á socapa, como um trabalho subcutaneo de gangrena em tecidos inertes. É o nihilismo sem junta central, sem proclamações, sem rewolvers de balas explosivas, sem attentados á mão armada contra o symbolismo do poder constituido. A fatalidade do — meio — assim o quer. O sangue peninsular tem globulos de calaceirice a insinuar a idéa da attitude espectante, como o sangue slavo tem a *cholera branca* que rebenta em estilhaços de machinas infernaes, como o sangue gaulez tem explosões convulsivas que se revelam em formidaveis fogueiras de palacios regados de petroleo.

Em Portugal não consta que os diversos commissarios de policia tenham sido alvo de qualquer Lefaucheux revolucionario, nem que se haja tentado esfaquear o snr. D. Luiz á entrada de S. Carlos; as Vera Zassulitch são bastante nutridas e fazem almanachs sob os auspicios de sua magestade a Rainha,

em quanto que os Rocheforts trocam a phrase tradicional da *lanterna* pelo bordão esganiçado e comesinho do —*esta é que é a cousa*—; as proprias ameaças ao throno são puramente platonicas; não se tramam secretas conspirações contra a realeza senão nas gazetas politicas, como um luxo d'Estado, e é publico e notorio que até os nossos republicanos sustentam a dignidade da qualificação apenas por amor da arte, como mera consequencia d'uma prévia distribuição de papeis, da mesma fórma que os conjurados do *Ballo in maschera*.

Em compensação, a monarchia é commercialmente explorada por todos: pelos ministros da corôa, que a intimidam fallando-lhe nos escriptos que hão-de pôr no paço, e que aceitam entretanto as pastas; pelos fornecedores privilegiados, que lhe fazem pagar os seus fornecimentos duas e tres vezes, pelo duplo ou pelo triplo do seu valor; e pelo jornalismo politico ou não politico, que de vez em quando lhe falla intencionalmente nas — publicas liberdades, nos direitos do homem, nos grandes exemplos de Sparta e da Suissa —, mas que no fim dos trimestres lhe mandam os recibos d'assignatura, — para pagar.

Um facto isolado poderá talvez dar uma idéa da maneira como em Portugal se entende a opposição ao throno: eu vi, quando o successo estrepitoso do *Primo Bazilio* fazia reviver o interesse do publico pelo *Crime do padre Amaro*, cuja edição estava quasi esgotada e se vendia nas livrarias de Lisboa, — nas que porventura tinham alguns exemplares, — a quinze

tostões o exemplar, um livreiro da rua do Ouro aproveitar-se facciosamente da escassez do livro em detrimento da segurança das instituições, e levar uma libra por um exemplar a um criado do Paço, que vinha por mandado de sua magestade El-Rei. É assim que se arruinam as monarchias.

*

O jornalismo, longe de ser, como devia, uma alavanca de progresso, um guia de civilisação, — é um agente destruidor. Corre parelhas com a anemia que empobrece o sangue nos grandes centros sociaes, e póde-se affirmar, sem receio de severidade, que collabora de camaradagem com a syphilis nos arranjos prévios para o grande trambolhão final da sociedade portugueza. O artigo de fundo cretinisa o cerebro, a local educa o espirito do povo n'um halito reles de mexerico organisado como instituição, o folhetim opéra com propriedades aphrodisiacas no systema nervoso das mulheres, predispondo-as para o hysterismo incuravel, para a depravação dos affectos que são a base da familia, para o nojo da familia que é a base da sociedade.

Funda-se um jornal para explorar as inclinações más do publico, para esconder as torpezas d'um partido, para colorir as delapidações d'um banco, para conseguir uma cadeira de deputado em S. Bento. Por menos que isso teem as juntas de saude publica dos

diversos paizes mandado suspender o serviço d'estabelecimentos nocivos á salubridade em locaes habitados, — fabricas d'alvaiade ou fabricas de guano. É um pessimo costume o d'entrar nas redacções sem um frasquinho d'acido phenico.

Por via de regra, o jornal portuguez começa por não ter grammatica e acaba por não ter dignidade. O jornalista deveria ser um reprobo, em vez de ser simplesmente um desprezado. Temos razões para avançar a que não seria mau riscal-o do numero dos cidadãos effectivos, estabelecel-o dentro d'um cordão sanitario de repulsão geral, como aos leprosos da idade média.

Tu, leitor, que nunca pozeste pé na redacção d'um jornal, — o lobrego antro da alchymia intellectual, — estás naturalmente saturado das tradicionaes declamações jornalisticas, ligas de certo um valor devoto a essa phrase senil com que desde tempos immemoriaes se tem por costume definir a missão dos modernos Paracelsus: — o sacerdocio da imprensa.

Despe esses preconceitos fósseis como despirias a tua cota d'armas, — se fosses um garboso cavalleiro medieval em vez de seres um desenxabido burguez do seculo XIX, — e crê o que te afiançamos aqui a sós, n'um momento d'abandono insuspeito, como justificação do nosso advento: — a imprensa não é um culto, é uma especulação; na imprensa não ha sacerdotes, ha ratos de sacristia.

Em Portugal o jornalismo nunca teve uma época

d'esplendor, não póde portanto dizer-se que esteja no seu periodo de decadencia: é o que sempre foi. Em quanto que a França tinha a sua imprensa organisada como uma ordem de cavallaria, fidalgamente, vibrando o florete da invectiva com mão finamente enluvada, praticando ás vezes leviandades, mas deixando-se com altivez crivar de balas nas barricadas, aureolando a sua enorme força com um nimbo glorioso de seita, franqueando as suas portas a um numero diminutissimo d'iniciados, — Portugal creava o jornal a dez reis, — uma vergonha! —, arvorava em redactores principaes os marçanos pouco diligentes na pesagem das quartas de manteiga, que cohonestavam a sua mandriice com a calumnia da inspiração, — e derramava pelo povo, a titulo d'instrucção rudimentar, uma torrente diluviana de sandices que os moços d'esquina applaudem e as criadas de cozinha adoram.

De resto, a calinada é anonyma, bem como a calumnia: o jornalista insulta e diffama, da mesma fórma que commette erros de syntaxe, — impunemente, destemidamente. Ha uns laivos de phantastico arrojo d'animo n'este degladiar titanico contra o pudor da grammatica e contra o pundonor do cidadão inviolavel, — segundo a Carta, — atraz da responsabilidade legal de qualquer sujeito que bem longe está de comprehender a subtileza d'uma allusão infame ou a irregularidade da construcção d'um periodo.

Sem assignatura, o jornalista dispensa a dignida-

de litteraria e póde mandar passear a dignidade moral. Estropia a grammatica tão desafogadamente como estropia a honra do seu inimigo. Furta-se assim á critica dos litteratos e á bengala dos offendidos. Commodo e simples.

Isto, como tudo, tem sua razão de ser. Os proprietarios de jornaes, sujeitos ordinariamente com um talento bastante contestavel, mas em compensação com dinheiro, dignam-se de quando em quando aceitar os pobres diabos d'escriptores que a miseria lhes atira a pontapés, ricos d'intelligencia, meio desmoralisados pela fome, dobradiços pelo desconforto, scepticos quanto ás propriedades alimenticias da gloria, descrentes da nobreza do coração humano, preparados para uma vida de subserviencias molles pelo soffrimento physico e moral, pelo espectaculo do successo dos traficantes, pelo desfavor da fortuna, pelas zombarias dos *parvenus,* pela nudez dos filhos, ás vezes; e então elles dão ordens terminantes aos *seus* jornalistas no sentido d'offender ou d'atacar este ou aquelle homem, esta ou aquella idéa, — mas sem assignatura, para conservar ao titulo do periodico toda a sua força moral. É assim que esse titulo absorve a influencia possivel do escriptor sobre o publico, e a guarda, — com a chave do anonymo, — até depois que a collaboração do escriptor cessou.

Por esta fórma, cujas consequencias se impõem com uma clareza luminosa, o jornalista acha-se amarrado implacavelmente á gleba do proprietario da sua folha, inerte e passivo, em quanto que — o jornalei-

ro — exulta e se refocilla no esterquilinio. A penuria obriga. Lembra Gustavo Planche, o demolidor gigante de Victor Hugo, lavando a louça á dona da sua hospedaria, para lhe captar as boas graças na espera pelo pagamento da hospedagem.

O jornalista desejaria assignar, mas não o deixam. Elle tem feito tentativas isoladas, por isso mesmo infructiferas, porque é justo confessar que os intrusos da profissão, a coberto da ignorancia do povo quanto aos seus nomes maltrapidos, ainda não conseguiram estabelecer-se no jornalismo como confraria independente de sarrafaçaes obscenos. Nem todos se chamam Venceslau Polycarpo ou João Fernandes, Antonio José Alves ou José dos Anzoes, qualquer nome emfim inedito como os livros que ninguem publica, banal como uma couve murcha arremessada ao monturo, indifferente como o mandarim de Balzac, batido como a palmilha d'um chinelo velho. Ha tambem nomes como o de Fernandes Costa, um critico sem complacencias de camaradagem, como o de Rodrigues de Freitas, um luctador sereno e frio, como o de Marianno de Carvalho, um polemista de primeira força, como o de Silva Pinto, um batalhador incansavel e honrado, como os de Urbano de Castro e Antonio Ennes, — como o de Pinheiro Chagas, um delicado argumentador espirituoso...

E como o meu, tambem: ainda quando a extensão do trecho despido de galhofa me não levasse a dizel-o, á maneira de digressão patusca no meio da seriedade macambuzia do discurso, — teria de o de-

clarar altivamente em satisfação á minha propria consciencia, que blazona de ter sempre pugnado, praticamente e algumas vezes com successo, pela dignidade correcta do jornalismo nacional, — um jornalismo que, aqui para nós, bem longe está de merecer attenções.

Resumindo: a imprensa periodica, em Portugal, desdobra-se n'estas duas variedades, — o jornal-balcão e o jornal-bohemia. A primeira pertence quasi exclusivamente ao Porto; a segunda, quasi exclusivamente a Lisboa.

A gazeta portuense é feita por processos industriaes que não teem nada que vêr com a litteratura, processos em que o jornalista assume as proporções insignificantes do operario ou do caixeiro. O proprietario da folha manda, e o jornalista obedece. Os artigos são monstruosidades rhetoricas sem grammatica nem senso commum. Os folhetins são traducções dos peores romances francezes, feitas com igual ignorancia do francez e do portuguez. O noticiario é uma parte de policia, esmaltada de rubricas em que predominam o — *Antes assim* — e o — *Podia ser fatal* —. De resto, nem uma phantasia, nem uma surpreza: é a eterna sopa, vacca e arroz da litteratura dia a dia.

Contrastando com esta caturrice velhaca, Lisboa, a patria do jornal-bohemia, abre-nos uma agradavel perspectiva quasi sã, quasi moralisadora. Tem leviandades, mas tem estylo. A confraternidade social dos seus jornalistas, por um bello principio que só os

ignorantes e os malcriados refutam, — é independente da controversia politica e litteraria. O jornalista de Lisboa, longe de ser o caixeiro que serve todas as tendas e todas as firmas, é um homem que tem e que advoga sempre a sua opinião. O proprietario do jornal é uma personalidade apagada, ou quasi apagada. Só assim é possivel sustentar a dignidade do jornalismo.

As conclusões tiram-se facilmente.

*

Em todas as manifestações do nosso viver, um estacionamento deploravel pela comparação com os estranhos, ou uma corrupção mais deploravel ainda, com pretensões a progresso. A familia abandalha-se. O amor livre predomina. É muito mais commodo levar a grande vida solta do celibato, do que exercer n'um lar aconchegado as modestas virtudes domesticas, em que ha heroismos incomparavelmente maiores que os das epopêas do cyclo d'Homero. São triviaes os chefes de familia que, para pagarem ao senhorio o aluguel da casa, deixam a um canto a personalidade patriotica do snr. Thiers, que teve de pagar cinco milhares ao principe de Bismark. A diplomacia d'um jantar burguez póde ser superior á diplomacia necessaria para resolver a questão do Oriente. E então, trata-se de fugir a essas complicações.

Foge-se, e não ha um protesto á deserção. Os

*

que ficam, aquelles mesmos que no conforto da familia encontram apoio e applauso ao seu proceder patriarchal, tomam cá de longe uns ares deliciosamente romanticos, exprimindo pela liberdade dos outros uma saudade que no seu coração não sentem: — «Se nós podessemos seguir-vos...»

É mais uma extravagancia da vida portugueza. Pensa-se uma cousa e diz-se outra. Cada um se conhece ridiculo com o seu nariz de papelão, mas conserva-o cuidadosamente, gruda-o todas as manhãs ao levantar da cama, e só uma apprehensão o punge quando sahe de casa, — a de que os seus concidadãos lh'o achem demasiadamente curto. D'ahi, como esse receio é simultaneo em todos, as proporções descommunaes que semelhante disfarce vai tomando, n'um desafio grotesco de mascarada. Não se póde calcular a que lamentaveis desastres esta carnavalesca mania conduzirá.

O nariz de papelão é de rigor. E se alguem ousasse vir para a rua apenas com o nariz que Deus lhe deu, com o seu modesto nariz de carne e osso, pantagruelico e rubro como o dos ebrios,—pequenino e pallido como o das figuras galantes d'uma cartonagem parisiense, — aquilino e forte como o da estatuaria grega,— ou mesmo rasgadamente adunco como o da raça judia,— que escandalo, Senhor! que escandalo!

Tu, leitor, que como os outros és ridiculo quando sacrificas á galeria o teu bom senso, quando no concerto universal misturas a tua nota burlesca, afim

de não comprometteres a segurança da tua posição social,—o teu emprego d'amanuense, o teu lugar de caixeiro, o teu escriptorio de commissões, a tua officina de chapeleiro, o teu diploma de deputado, a tua pasta de ministro,—todas essas cousas que servem para alimentar o fogo sagrado da vaidade pela carqueja das honrarias, ou o fogo não menos sagrado da cozinha para a elaboração do jantar quotidiano,—tu mesmo, sim, has-de sentir pesar na consciencia, como a cumplicidade d'um crime bem negro, todo o papelão encanudado do nariz que principiaste a usar por fanfarronada, continuaste a usar por habito, e usas ainda por medo.

Deita-o fóra, a esse papelão ominoso! Condemna-o á fogueira purificadora, ou, na alternativa, ao cêsto dos papeis velhos! Limita-te sobriamente á bella batata nua—e crúa, e verás como é commodo!

*

Ha um mal-estar geral, um receio indefinido, e tambem uma esperança vaga. Na consciencia publica, que mesmo sem previos estudos sociologicos tem o sentimento intuitivo do futuro,—uma lei de fatalidades historicas para seu uso,—lavra o convencimento irracional de que a velha sociedade se desmorona, e ao mesmo tempo o de que uma nova sociedade se ergue sobre os destroços da antiga.

É uma vegetação philosophica. Parece que se vê despontar essa flôr peregrina.

Das tres grandes raças européas, uma, — a latina, — estorce-se em lampejos moribundos de lamparina bruxoleante. Os acontecimentos de 1870 chamaram o germanismo á ordem do dia, uma ordem do dia que se impôz primeiro como um ridiculo a mais no batalhão de ridiculos que devastam a humanidade. Foi-se então germanista, sem se saber allemão. Era no tempo em que o snr. Luciano Cordeiro, — um tal que não inventou a polvora, — inventava o poeta Ulurus e confundia o W germanico com o W saxonio. Riram-se d'elle, fizeram-lhe assuadas pantagruelicas, assacaram-lhe um queixo muito maior que de justiça, — o demonio!

Hoje, o germanismo é uma força, é um appetite afiado, é o principio da — lucta pela vida. Não é um fim, é um meio. A bem dizer, elle não passa de um methodo de trabalho.

*

Portanto, espera-se do norte a regeneração.

Lisboa, com os seus calôres abafadiços nos seus arruamentos historicos, produz um lyrismo enfermiço de sentina, que talha o sangue como a trovoada talha o leite. Coimbra produz bacharéis formados, o que é peor ainda. Entretanto, o Porto impõe-se com

a virilidade da sua população trabalhadora, com a frieza dos seus nevoeiros albionescos, com o seu commercio, com o seu poder argentario, com a influencia dominadora do seu elemento britannico, com o seu juvenil enthusiasmo politico, com a exuberancia da sua vegetação, com o desafogo das suas casarias, com a sua alimentação brutal.

O Porto é a patria dos fortes: tem fornecido ao paiz a maior parte dos seus homens de pulso, nascidos á sombra ingente das suas muralhas, ou creados na sua educação masculina, e depois lançados á circulação politica, litteraria, artistica e commercial da civilisação moderna.

A sua força, comtudo, não lhe vem da democracia. Como Bordeus,—a realista,—que se lançou não ha muito ainda n'um debochesinho republicano, á maneira d'extravagancia graciosa,—o Porto, autocratico por indole e monarchista por calculo, tambem de vez em quando faz a sua orgia d'opposição ás instituições, para lhes mostrar do que é capaz se o não respeitarem condignamente.

Ha uma porção de annos que o Porto serve d'alvo a meia duzia de granadas rhetoricas: chamam-lhe o—baluarte da liberdade—e attribuem-lhe a quéda do absolutismo em Portugal. Um dia, quando a historia de caso pensado ceder o passo ás investigações policiaes do passado, saber-se-ha que metade dos heroicos libertadores aceitaram a liberdade como consequencia desastrosa da guerra, e que a outra metade a acolheram da mesma fórma que po-

deriam abalançar-se n'uma especulação commercial muito rendosa, em caso de successo.

*

Nada de sentimentalismos piegas.

Democratica é Lisboa, com a promiscuidade indifferente da sua população, com os seus arruamentos banaes, com as suas habitações minusculas, com o rachitismo enfezado das suas arvores, que nem parecem arvores naturaes, com as suas casas de pasto sebentas, com o seu *Diario de Noticias* mexeriqueiro como uma — senhora visinha — e instructivo como um rol de roupa suja. Encontram-se no mesmo predio, em andares differentes, um conselheiro da corôa, um visconde e um alfaiate, com o supplemento d'uma costureira na agua-furtada.

A carestia sempre crescente das subsistencias, junta com o estacionamento pertinaz dos redditos, leva mesmo um amanuense de secretaria a tomar para hospede um caixeiro de modas, louro e adamado, que lhe faz a côrte á mulher e lhe offerece *lavallières* garridas,—e uma viuva já velha a tomar um estudante de preparatorios, a doze mil reis por mez.

Os edificios teem quasi todos o mesmo aspecto pobretão, as escadas são tenebrosas e cheiram a crime, os quartos andares deitam baforadas repugnantes de caserna. É o mesmo garoto que vende

uma cautela de pataco á sopeira, e um oitavo de seis tostões á ama.

N'essa communidade impudica, n'essa miseria disfarçada,—por signal que não muito bem,—a democracia alastra-se sordidamente, como um pingo d'azeite n'um esfregão de cozinha.

O Porto, emquanto conservar a sua potencia commercial, a sua supremacia dinheirosa, os seus brazileiros argentarios, a sua alimentação sadia,—não póde ser democrata, senão por extravagancia. Aqui ha muito dinheiro, um grande escrupulo hierarchico e numerosos restaurantes.

A democracia é um producto fatal da degeneração do sangue. Os desconfortos, os maus jantares, trazem á idéa o lemma revolucionario da liberdade. Peguem-me no *communard* parisiense, digam-lhe quatro facecias a ridiculisar os agitadores finorios, e ministrem-lhe logo em seguida um bom bife a escorrer sangue. Se ao ultimo bocado elle não estiver authoritario, amigo da ordem, então,—um grande copo de cerveja ingleza com queijo *gruyére*. É soberano.

Esse tratamento, porém, por muito energico, póde levar a deploraveis exageros. Cautela com elle. Ás vezes, uma terrina de *foie-gras* determina terriveis excessos d'absolutismo. Senta-se um sujeito á mesa, proletario invocando Felix Pyat,—e levanta-se de turbante,—não confundir com touca,—de turbante na cabeça, pachá insolente e dominador, capaz de mandar empalar os pacatos burguezes, por se não prostrarem reverentes na sua passagem.

De vez em quando, apparecem democratas refractarios ao bife. Esses são os incuraveis, os que soffrem as consequencias da hereditariedade morbida, os que teem escrofulas no estomago, aquelles cujos paes se sangravam duas vezes por anno. O oleo de figados de bacalhau e o ferro Bravais só operam n'elles como palliativos moderadores de furias demagogicas.

Lisboa come alface e fornece ao obituario um contingente medonho de tuberculose: vejam o snr. Alfredo Ansur, anemico e franzino, como faz orgias de eloquencia jacobina, com phrases em que os regios diademas tocam a rachado. O Porto come orelheira de porco com feijão branco, e despeja-lhe em cima uma tarraçada d'espumoso vinho verde: vejam o snr. Adriano Anthero, um latagão encadernado em lyrico dulcissimo, como ruge estrellas e brizas na sua larynge stentorea, com largas porções d'assucar n'um chá oratorio de thronos e de sceptros, rescendendo ao subtil aroma da mais requintada veneração pelas instituições vigentes.

*

Afinal, o Porto tem uma physiologia bem mais respeitavel que Lisboa, uma seriedade bem mais solida. É burguez, é prehistorico, é caixa de rapé e lenço de ramagens, — mas trabalha e faz-nos viver com as sobras da sua forte vida plethorica. Transpi-

ra abundantemente no manejo diario dos costaes de bacalhau. Mettem a ridiculo a sua labutação ingloria, em que o fallado suor do povo toma seu cheiro algum tanto *shocking* de pescado secco, e não se lembram que apanhariamos um codilho mestre no dia em que o largo da feira de S. Bento e a rua das Flores passassem a levar a vida insignificante do Chiado e do largo das Duas Igrejas.

*

Alli defronte, leitor, está um hotel muito procurado pelos—brazileiros. Todos elles são endinheirados. Podem viver á larga, principescamente, na sabia ostentação de um luxo que eleva o espirito e subtilisa o cerebro em delicadezas de—bom-tom. Veem para a porta conversar amigavelmente com o porteiro,—que está em mangas de camisa,—e vão para a mesa de chinelos d'ourelo, comer sardinhas assadas e caldo verde,—que lhes recordam a sua infancia.

Mais adiante, n'aquelle palacete ladeado por dous enormes portões de ferro, que dão para um jardim traçado a cordel, móra um capitalista retirado dos negocios, tambem—brazileiro. O immenso vestibulo é frio e desguarnecido, sem um banco, sem dous candelabros de bronze antigo. As paredes são forradas d'azulejos amarellos em relevo. As tres portas monumentaes da frontaria, que a mão fidalga do tempo tinha ennegrecido, dando-lhes uns tons elegantes de

*vieux-chêne,* foram ha dias mandadas envernisar pelo proprietario, e lá estão agora a repimpar-se nos seus gonzos, brilhantes d'um rubro vidrento.

Dão-se bailes, *soirées,* reuniões. Pelo meio da noite, assoma á porta da sala um criado de jaqueta de pelles, com a bandeja do chá. Um convidado, cheio de nobre isenção, pronuncia-se contra o aromatico liquido, e declara preferir-lhe o vinho da Companhia. Ás vezes, no meio d'estes requintes de *high-life,* sente-se por volta das onze horas um cheiro activo, que denuncía horrores. Á porta da rua está parada uma grande carroça, a junta dos bois rumina philosophicamente um feixe de palha, de cabeças pendidas para o chão, emquanto que sombras discretas, conspiradoras, vão e veem da beira da carroça para o interior da casa. É...— como dizel-o? — é...— diacho! — é... a amortisação da despeza.

A praça do Peixe é uma sumptuosidade estupida, um insulto á pobreza que não tem albergue.

A bibliotheca publica é uma casa para onde os vadios, á hora do trabalho, vão lêr romances sentimentaes, de chapéo na cabeça.

Os theatros...

*

Ah! sim, os theatros. Os theatros são casas de pandega rasgada e de simples tolerancia no dominio da arte. Os espectaculos constam principalmente —

dos intervallos. O velho barracão das Carmelitas é que tinha comprehendido bem a cousa. Na platêa estava-se de chapéo na cabeça e fumava-se, a fazer horas para entrar no palco e nos camarins. De resto, vai-se ao espectaculo com o fim de patuscar, e então as empresas offerecem ao publico desopilantes. Umas vezes põem em scena palhaçadas; outras, como é necessario conservar as apparencias do intuito artistico, põem dramas muito lacrimosos, — para rir.

E todos os — artistas — são artistas portentosos. Teem apenas o ligeiro defeito de fazer *dandys* parisienses com joelheiras nas calças, e *roués* da Regencia com botas d'elastico, — mas são artistas. Prestam-se a tudo: a grandes d'Hespanha e a lacaios silenciosos, — nas mutações á vista, — mas são artistas.

*

Afinal o Porto é muito grande, mas não deixa de ser tambem muito corrupto, muito pequeno em toda a sua grandeza. Não é uma sociedade podre, mas é uma sociedade contaminada. Aquelles que lhe pedem a salvação da politica, a salvação dos costumes,— deveriam talvez começar por lhe não tecer essas mesmas lisonjas que já tem estragado outras sociedades, e acabar por lhe dizer as verdades nuas e crúas.

Por esse lado, as *Vespas* veem hoje no grande momento psychico esvoaçar ao de cima do nosso

corpo social, um tanto amodorrado no ridiculo, e zumbir jovialmente umas ironias que teem suas pretensões a salutares. Se ellas, as minhas gentis miniaturas, uma vez por outra se enfurecerem e espicaçarem o alludido corpo, eu lavo d'ahi as mãos. Sim, isso é lá com ellas.

Para as ferroadas das — vespas —, a medicina caseira recommenda a applicação d'um ferro bem frio. Pela minha parte, limito-me a esperar na melhor boa fé que esse ferro nunca será — de ponta e mola.

---

## I

Houve este mez, no Palacio de Crystal, dous espectaculos em beneficio da associação dos bombeiros voluntarios; um, de declamação, outro, dias depois, de gymnastica. Eram artistas os proprios socios.

Ambas as festas foram concorridissimas. A segunda, sobretudo, desenvolveu na alta sociedade portuense um phrenesi louco d'enthusiasmo. Offereciam-se por simples bilhetes de platêa preços fabulosos para a magnanimidade das bolsas indigenas. O exito foi inexcedivel, e pertence á historia.

Analysemos:

*

Decoração ostentosa do circo. Girandolas de flôres esfuziavam no ar as vivas côres setinosas das suas petalas, n'uma luxuria insana d'animalidade vegetal. As plantas ornamentaes, nos seus grandes vasos de faiança colorida, espalmavam largas folhas bronzeadas, pelludas e orladas d'um filetesinho avinhado. As begonias tinham fremitos d'uma volupia acre, no aroma rudemente assucarado d'aquella atmosphera cheia do halito das mulheres, dos *sachets d'opoponax,* da scintillação das joias, da frescura das rendas caras, do bafejo caricioso dos setins, do penetrante calôr dos velludos.

Enxurradas luminosas escorriam sem descanço dos centenares de bicos accesos, picando faúlas de colorações phantasticas nos brilhantes facetados de engastes artisticos, faiscando venenosas chammas verdes nas aristocraticas esmeraldas, derramando clarões poeticos no brilho docemente lacteo das vaporosas perolas. Cravadas na columnata do circo, a vestir a sua nudez dos longos dias escassos d'enthusiasmo, as bandeiras garridas ora pendiam inertes n'um recolhimento de commoção reprimida, ora ondulavam mollemente n'um desafogo nervoso, ora doudejavam em contorsões espasmodicas d'alegria, n'um contagio de febre, ao folego enorme da multidão delirante.

No coreto, a sonoridade voluptuosa das flautas alliava-se ás explosões triumphantes dos cobres.

Fluctuava um nevoeiro tenuissimo de *veloutine*. Conhecia-se a pulsação do sangue pela pulsação dos leques.

Mulheres novas, mulheres formosas, mulheres elegantes, quasi todas d'essa vigorosa carnação sadia, que as franzinas lisboetas invejam. Muitos rapazes da alta sociedade portuense, a fina flôr do *high-life* local, que traziam á festa o seu contingente de dandysmo, a sua jovialidade despreoccupada, as suas *toilettes* claras, o attrahente perfume da sua juventude dourada, facil, exuberante, dominadora. A espaços, uma sobrecasaca abotoada, preta, abria com a sua correcção moderna um parenthesis de gravidade complacente n'aquella expansão dos vinte annos. Em certos pontos, o fardamento espectaculoso da associação lançava a sua nota marcial.

Entretanto, na arena, os amadores tomavam as attitudes classicas dos Alcides educados na alta escóla da força musçular, e faziam trabalhos gymnasticos d'uma pericia rara, em que as linhas anatomicas do corpo desabafavam do comedimento imposto pelas conveniencias sociaes, torcendo-se, retezando-se, n'uma scientifica orgia esculptural.

Os fatos de malha enluvavam os membros como em uma pelle viva, com a pallidez ligeiramente rosada das finas epidermes macias; as lentejoulas reluziam de ardor no escuro traiçoeiro do velludo. As fórmas desenhavam-se nitidas, com uma indiscrição fria. Os musculos tinham contorsões laocoonticas.

Em todo o ambiente, corria um fremito de sen-

sualidade tenebrosa. As mãos crispavam-se involuntariamente, vinham calefrios morbidos á nuca. As palpebras das mulheres batiam acceleradas, a certos *tours de force* mais ousados. Os olhos fulguravam estranhamente n'um hysterismo pouco tranquillisador, e os collos das mulheres ondulavam angustias sem nexo, tumidos de confrangimento.

Aquella atmosphera penetrada das colorações do som, das harmonias do aroma, dos perfumes da côr, — e toda banhada n'uma explosão triumphal de luz, — instillava molles lassidões sensuaes nos membros, vagos sonhos d'harem nas imaginações.

Em um camarote, n'uma crise de tensão nervosa, uma mulher dos seus vinte e dous annos, ligeiramente morena, com os cabellos negros muito encarapinhados e uma tenue pennugem nos pulsos, quebrou entre os dedos as varetas do seu leque de madreperola.

Este conjunto de phenomenos poderia caracterisar a decadencia d'uma sociedade, se por acaso se ignorasse que é apenas uma extravagancia sem consequencias necessarias.

*

O espectaculo gymnastico da associação dos bombeiros voluntarios, olhado como divertimento é aphrodisiaco, olhado como manifestação de bom-tom é in-

conveniente, e olhado como systema de philanthropia é pleonastico.

*

Tem incontestaveis direitos ao respeito publico, pelo fim altamente digno a que se destina, essa bella mocidade corajosa que põe a sua força, a sua destreza e a sua intelligencia ao serviço dos terriveis combates contra o fogo, — que sacrifica as suas horas vagas á defeza das vidas e das propriedades alheias, em risco de lhes sacrificar tambem a sua vida, e em vez d'arrastar sordidamente o seu tempo pelos cafés, pelas praças ou pelos bordeis.

De resto, ha vagar para tudo, e não vale a pena indagar que parte d'influencia terá o vistoso do uniforme n'este fervor de santa dedicação social, em uma época de cerrado egoismo, como a nossa.

Não tem a associação a que me refiro, — e é bem natural isso, — outros recursos mais que os do seu proprio cofre para occorrer ás grandes despezas inseparaveis do seu bello intuito; é justo, portanto, que se esforce por angariar fundos para esse fim, mas o meio de os angariar, estudado sem preconceitos d'enthusiasmo juvenil, não parece dever ser aquelle que ultimamente vimos no circo do Palacio de Crystal. Havendo, como ha, uma certa relação entre o espectaculo offerecido ao publico e os trabalhos da associação, em que a gymnastica occupa

uma parte importantissima, é todavia certo que essa relação, effeito d'uma simples coincidencia, não póde por fórma alguma servir de justificação á escolha do meio indicado, quando outra não haja.

Para fazer exercicios acrobaticos ou athleticos, que quasi sempre são necessarios na extincção dos incendios, nem é preciso espectadores, nem é preciso circo, nem é preciso fato de malha espelhento de lentejoulas. Tudo isso são excrescencias theatraes que não educam, que não instruem, que não estimulam senão o sangue, — excrescencias theatraes que se tornavam porém infalliveis, desde o momento que se queria reunir um publico, fornecendo-lhe pretexto para a sua philanthropia.

*

Pela minha parte, que bem longe estou de sentir assomos de severidade para com os promotores da festa, — rapazes cheios d'enthusiasmo e de boa vontade, espirituosos e cortezes, sabendo entrar n'uma sala sem tropeçar nos tapetes e conhecendo a fundo os mil nadas adoraveis do bom-tom, — entendo que o maior serviço a prestar-lhes é desvendar justamente os occultos erros d'essa boa vontade generosa que os guia, em vez de lhes offertar um *bouquet* perfumado que apenas teria a significação banal d'um applauso de sala, ou em vez de fazer

*

côro laudatorio ás suas irreflexões de resto bem desculpaveis, de companhia com a *claque* officiosa que a tudo, bom e mau, dispensa o chato elogio compromettedor.

Membros quasi todos do *high-life* portuense, os bombeiros voluntarios, educados n'esta chilra sociedade portugueza sem caracter nacional e sem pensamento proprio, que vive n'uma dependencia irrisoria da sciencia, da arte, da industria, das modas estrangeiras, copiando á tôa os habitos alheios e carregando-lhes muitas vezes os traços geraes até á caricatura, — não podiam eximir-se a essa influencia nociva que os impellia para a imitação da extravagancia parisiense, uma extravagancia com seus attractivos e bellezas no fundo essencialmente moderno da moderna Babylonia, — centro do espirito universal, — mas que, transplantada para o nosso meio encolhido e *gauche,* dá fatalmente uns ares deploraveis de baixa corrupção verminosa.

A extravagancia parisiense, aliás, não é a extravagancia que suppomos, nós, os portuguezes. Os nossos habitos de dandysmo estão longe de ser os habitos do *grand-monde* mais refinadamente elegante que ha no mundo, porque os copiamos através do prisma enganador dos jornaes de modas, publicados e subsidiados pelos *magasins* do Palais-Royal, — do *Figaro,* o orgão official das *cocottes,* — dos livros de Feuillet, o romancista typico do segundo Imperio, — dos desenhos galantes de Grévin, das cançonetas brejeiras de café-concerto, emfim.

*

O segundo Imperio, inaugurado pelo militarismo, comprehendeu que só podia sustentar-se pela corrupção, e tratou de a organisar como systema politico. Data d'ahi o nascimento do genero *canaille,* que se foi infiltrando no jornalismo, na litteratura, na arte, na administração publica, nos costumes, em tudo.

O *Figaro,* que viveu sempre de mexericos d'alcova suspeita, obtinha então salvo-conducto de baixezas, fazendo ao Principe imperial recem-nascido, apenas com quatro dias d'existencia, uma petição cheia de graça que fez rir a côrte e lhe valeu uma excepção odiosa na lei geral. Offenbach escrevia operas-buffas. Gustavo Droz cinzelava os seus contos. Mabille florescia. O duque de Morny, o maior devasso que a luz do sol tem alumiado, e que andava sempre *à court d'argent,* era primeiro ministro e vendia concessões escandalosas. A Rigolboche era um potentado. A architectura, a marcenaria, a musica subtilisavam-se em producções *rococo.* As festas de Saint-Cloud attrahiam para o pendor da decadencia as altas camadas da sociedade parisiense, e as damas da Imperatriz organisavam quadros vivos.

Triumphava o *quartier* Bréda. Pullulavam as — damas do lago, — e os *petits-crevés* exultavam.

Entretanto, o *faubourg* Saint-Germain fortalecia-se nos seus salões aristocraticos contra a onda invasora dos aventureiros, o *faubourg* Saint-Antoine

trabalhava, a Chaussée-d'Antin expedia as suas finanças e escripturava o *Diario* e *Razão*.

Nem tudo era lama, o que não impedia que só os seus salpicos, quasi exclusivamente, espirrassem á face da Europa.

Exploravam-se os maus instinctos. Armava-se um laço á animalidade. Os quadros vivos, sobretudo, tinham uma enorme importancia espectaculosa nas inclinações sensuaes da carne. A plastica impunha-se brutalmente, substituindo ao sentimento a sensação. Entre a mulher e o espectador havia simplesmente o fato de malha... e um metro de distancia.

*

Não se localisou na França a influencia corruptora do Imperio, porque o prestigio parisiense, baseado na enorme força da tradição, a derramou pela Europa toda, e em especial pelos paizes que o seu caracter tibio predispunha para a absorpção do vicio. Na Belgica, Bruxellas tornava-se um Paris-miniatura, encontrando no seu *maire* um imitador do barão Haussmann, e, por fortuna para o bem-estar do paiz, o energico genio flamengo detinha á superficie a gangrena, trabalhando austeramente como antes, ou mais do que antes. Em Portugal, a profunda debilidade de todas as classes sociaes abria porto franco á importação nefasta, precipitando-se n'uma vertente de ruina e de ridiculo.

O barão de Quintella, com uma riqueza proverbial entre os indigenas, construia o theatro da quinta das Laranjeiras, com a triste fanfarronada do exclusivo fim ocioso, e arruinava-se. As meninas honestas vestiam pelo modêlo das mulheres que ás cinco horas da tarde atravessavam o *boulevard* dos Italianos, a pé. Excellentes rapazes pacatos e d'uma castidade sacerdotal, com um culto religioso pelas bençãos das mães, iam para os cafés dizer facecias da caturrice das — velhotas —, e mostravam aos amigos os frascos de remedios secretos que andavam a tomar, — diziam elles.

*

N'esse meio tempo, a corrupção imperialista desapparecia com o vesicatorio prussiano e com o nitrato de prata communista. Doeu, mas sanou. Hoje, da velha podridão restam apenas umas escorrencias de pus, fonticulos necessarios á salubridade moral, — e as Tulherias, onde uma côrte debochada resuscitava o Parc-aux-Cerfs, acham-se substituidas pelo salão honestamente burguez do Elyseu, em que a snr.ª Grévy exerce as funcções dignas d'uma boa dona de casa. Nas recepções de Julietta Lambert, — a inspiradora de Gambetta, — é de rigor a abstenção total d'essas finas galanterias cortezanescas tanto em moda nos *petits-appartements* da Imperatriz, e que, di-

tas em linguagem corrente, seriam a determinante infallivel d'uma bofetada bem assente.

Em Portugal, comtudo, o contagio importado parece que se crystallisou, e que insiste em ficar. Temos pelo menos um symptoma do caso no espectaculo gymnastico do Palacio de Crystal.

É justamente como symptoma que tomamos a liberdade de o estudar, e que ousamos aconselhar o desprezo por semelhante systema de philanthropia.

*

Hoje, a moda não aceita essas baixas manifestações, que a final de contas são degradantes. Fazer gymnastica n'um circo ou estar ao balcão n'um bazar de caridade, nunca deixa de ser equiparar-se um dandy correcto á personalidade truanesca do palhaço, ou uma senhora bem educada á personalidade mercenaria de qualquer estanqueira.

Quanto a invasões fidalgas no dominio espectaculoso dos comediantes, a alta sociedade britannica nunca as fez, e a alta sociedade parisiense já as não faz. Os estudantes d'Oxford é que de tempos a tempos representam Sophocles e Aristophanes, — no original. Em Paris, quando agora se dá alguma festa de caridade, os seus promotores, grandes personagens de todos os mundos, — politicos, jornalistas, esculptores, membros do Jockey-Club, financeiros, ar-

tistas, principes, duquezas, — limitam-se modestamente — a pagar a conta.

Veja-se a festa do Hippodromo, em beneficio dos inundados de Murcia. Victor Hugo, que o snr. Guilherme Gomes Fernandes talvez não rejeite para termo de comparação, em vez de fazer uma cabriola escreveu um artigo. Meissonier, um artista emerito, desenhou um cavallo admiravel, em vez de o montar em pêllo. O barão de Rotschild, que não é muito inferior ao snr. visconde d'Alves Machado, em vez de fazer parte da commissão, fez enormes despezas com ella.

N'isto, é claro, não quero dizer que o snr. visconde fosse incapaz de ter largas prodigalidades de grande senhor em beneficio da associação dos bombeiros voluntarios, nem que o snr. Guilherme Fernandes não fosse muito capaz d'escrever a *Lenda dos Seculos*, só por philanthropia; mas emfim, a acção do primeiro, — como presidente da commissão, — e a do segundo, — como commandante dos bombeiros, — limitou-se a fazer correr mundo ao seu nome n'um trecho de prosa sufficientemente chata, e a dar saltos mortaes que desconfio não virão a ter uma larga influencia no modo de ser das sociedades modernas.

Note-se porém que o noticiario indigena applaudiu. Para quem não saiba que esse applauso é effeito da ignorancia, elle póde passar por effeito de bajulação calculista. Mas não.

O noticiario indigena applaudiu a festa e applaudiu os seus promotores, um pouco por ignorancia e

um pouco por complacencia de camaradagem; em quanto que eu lhes recuso absolutamente o applauso, tendo a certeza d'assim magoar menos esses cavalheiros, que apenas teem o defeito d'embrulhar algum tanto as noções de tempo e de lugar. Nem o Porto é a capital do mundo civilisado, nem o millesimo de 1879 é o millesimo de 1854. Vou jural-o.

Por outro lado, prova-se em caso de necessidade, que o snr. Guilherme Fernandes não é Lola Montes, e que o senhor visconde d'Alves Machado não é bem o elegante *viveur* da *loge à Fidèle,* o filho da rainha Hortensia e do general Flahaut, o lendario duque de Morny, emfim.

*

Para preencher um fim de caridade, tudo quanto é sahir cada qual da sua esphera para uma esphera mercenaria, — como actor, como acrobata ou como logista de bazar, — dá uns ares terriveis d'avareza que prefere pagar com o seu corpo a pagar com o seu dinheiro, ou de perversão deploravel do gosto, que sente um morbido prazer em se abandalhar nas jogralidades proprias.

No primeiro caso, forretice; no segundo, — diga-se a palavra, — onanismo.

Representar comedias, fazer gymnastica ou vender kilos d'assucar, não é deshonra, é trabalho, quando constitue labutação quotidiana da vida. Tam-

bem o ser casado e ter muitos filhos é gloria biblica e gloria social, o que não impede que se aponte como um devasso o celibatario que corre todas as noites os bordeis, muito mais quando tem os filhos sob a tutela municipal da roda.

*

Em uma grande festa de caridade que houve o anno passado em Paris, na Grande Opera, a beneficio dos inundados de Szegeddin, e que ficou como um modêlo do genero, havia mesas de confeiteiras, leilões, uma *brasserie,* barracas de feira, e até uma vendedeira de castanhas, com o seu assador. As castanhas, porém, eram *marrons glacés* da confeitaria Charbonnel — a melhor e a mais moderna de Paris, um *bijou,* — e os espectadores, de casaca e luva branca, depois de as comprarem iam comel-as para a — tasca — proxima, acompanhadas de champagne Clicot, *frappé.*

Essas mulheres, esses leiloeiros, esse negociante de vinhos, — eram actores, actrizes, bailarinas, duquezas só em scena, viscondes e principes só nas comedias de Dumas filho ou nas operas d'Offenbach.

Ao centro do palco, elevava-se um mastro de cocanha. Estava convidando a fazer gymnastica. No meio do espectaculo, viu-se um homem trepar pelo mastro acima com uma agilidade surprehendente, e fazer partes. Quem imaginam que era? o snr. Gam-

betta? o conde de Beust? o principe de Galles? Nada d'isso: era um dos irmãos Hanlon-Lees, os excentricos acrobatas que então faziam furor em Paris.

*

É preciso deixar aos artistas a arte, quando se tenha tentações de cultival-a fóra da influencia restricta que ella póde ter na educação e no sentimento, como armadilha ás bolsas do proximo.

Com o intuito civilisador, por exemplo, a arte dramatica aceita-se, — n'uma sala. Por esse mesmo motivo, não condemno completamente o primeiro espectaculo da associação dos bombeiros. Tinha o defeito dos bilhetes previamente pagos, mas tinha tambem a vantagem da educação.

A esse espectaculo não assisti eu, mas julgo-me authorisado a pensar que se manteve a toda a altura da arte. De resto, para aquelles que o acaso do nascimento não creou nas adoraveis subtilezas do *high-life,* nas encantadoras minuciosidades do bom-tom, e que mais tarde um amigavel pontapé da sorte faz ir de roldão até ás portas dos luxuosos salões aristocraticos, — o ensino transmittido do palco é d'um beneficio incalculavel. Não se imagina quantos viscondes e quantos commendadores modernos, descendentes directos dos proceres da rua do Ouvidor e dos cruzados da praia de Botafogo, com pergaminhos archivados na junta commercial do Rio de Janeiro, — devem

ao actor Santos a sciencia de calçar correctamente uma luva branca, de offerecer o braço a uma senhora, de comer delicadamente uma ostra crúa.

Infelizmente para as regras da cortezia e para a gloria do actor Santos, nem todos os gentis-homens da camara do commercio poderam tomar as suas lições praticas de *maintien*. Ha por ahi viscondes que comem o peixe com faca, e que recebem as suas visitas — de chapéo braguez na cabeça.

A esses, o snr. Guilherme Fernandes inoculou-lhes finos requintes de dandysmo, — estou certo d'isso. O digno commandante dos bombeiros voluntarios do Porto, — habituado a viver nas espheras douradas da elegancia, na encadernação seductora da sobrecasaca preta e da gravata branca, — comprometteu-se pela parte que tomou no espectaculo de declamação a ser Lemaitre, a ser Coquelin, a ser Mounet-Sully, — e foi tudo isso, é indubitavel. Só não foi Sarah Bernhardt nem Emilia das Neves, por causa das barbas. As barbas estragaram tudo.

*

Senhores bombeiros voluntarios do Porto: queiram dar-se ao trabalho de pensar um pouco no ridiculo de semelhantes systemas de philanthropia, e sobretudo de não tomar a mal estas observações feitas ao correr da penna, por quem os avalia no seu justo valor d'intelligencia, de generosidade e de bom sen-

so. Os senhores são rapazes novos, teem provavelmente exame de francez, possuem alguns contos de reis, mas fazem da vida elegante a idéa que lhes insinua o modo de ser do *high-life* que vai da Ribeira Velha ao Padrão, com os seus salões da rua das Flores, o seu café Suisso, o seu theatro de S. João e o seu restaurante Lisbonense, que, francamente, não chegam aos fidalgos salões do *faubourg* Saint-Germain, ao Tortoni, á Grande Opera, ao Véfour.

É um erro: quando se quer ser dandy, começa-se por deixar de ser indigena. Lê-se muito para adquirir um certo fundo de conversa variada, toma-se champagne e ostras para espiritualisar a materia burgueza. Ao contrario d'isso, os senhores não lêem nada, bebem vinho verde, e comem quantidades abominaveis de tripas, que levam feijão branco, cenouras, pimentão, o demonio!

Os senhores tinham comido tripas, quando planearam o seu espectaculo acrobatico! Tinham comido tripas, não neguem! É d'isso que resultam as grandes expansões d'animalidade, as florescencias de bravura inconveniente, os saltos mortaes, as cabriolas, as palhaçadas.

As tripas são saborosas, — eu que o diga. Comi-as uma vez, no Reimão. Essa fatalidade, como todas as grandes fatalidades historicas, — tinha sido precedida de vagos agouros caliginosos, maus sonhos, agitação continua do espirito, e supponho que até um cometa. Comi-as, gostei, mas breve tornou a mim a consciencia do mal. Foi um deboche que me

deixou horrorisado á face do respeito proprio, como se tivesse acabado de praticar um acto vergonhoso, de monstruosidade galante.....

.....

Não comam tripas, senhores bombeiros, e verão como perdem esse vicio terrivel de se apresentar diante de senhoras a fazer partes, nús, apenas com um fato de malha... e um metro de distancia.

---

## II

Em politica, o que ha de mais novo, de mais moderno, é um partido de pulgas. Foi o snr. Marianno de Carvalho que n'um momento de bom humor o baptisou com essa denominação profundamente philosophica e profundamente verdadeira, — devemos confessal-o, muito embora peze á seriedade macambuzia da politica portugueza.

O advento d'esse partido, — que não sabemos bem se é um producto logico do nosso estado social, — foi prégado ás turbas pelo *Commercio de Lisboa,* um jornal em que é summo sacerdote o snr. Luciano Cordeiro, notavel pelo seu germanismo, pelas suas criticas d'arte, e sobretudo pelo seu queixo. Inclinamo-nos mesmo a crêr que esse queixo é a

unica feição caracteristica do espirito sociologico do seu proprietario, tanto pelo menos como é a unica feição caracteristica do seu physico.

Visto de frente, de perfil, de tres quartos, ás direitas, ás avessas, o snr. Luciano Cordeiro é um queixo, mas um queixo prodigioso, lendario. Estava talhado para precursor d'um partido que tenta fundar-se sem uma idéa nova, sem um intuito avançado, apenas com a idéa e com o intuito de cevar a sua insignificancia ao sol dos poderes constituidos.

Nada mais curioso que analysar pelo miudo a gestação d'este partido. É um embryão, por ora; ha-de ser mais tarde um monstro, entrar em pleno dominio da teratologia.

Parece que elle tem já um presidente, o snr. conde de Valbom, — e um secretario, o snr. Luciano Cordeiro. Emquanto elle não tiver partidarios, o snr. conde de Valbom preside ás frequentes assembléas geraes de si mesmo e do redactor principal do *Commercio de Lisboa,* — assembléas em que são discutidos varios pontos de summo interesse para os povos, — e o snr. Luciano Cordeiro lavra as actas.

*

Estes homens são assombrosos; são mais que assombrosos, são heroicos. Ao passo que lá fóra, nos paizes monarchicos, se organisam partidos republica-

nos, partidos socialistas, — em Portugal, paiz igualmente monarchico, elles tratam d'organisar um partido — monarchico.

Que arrojo! Encontram-se um dia na rua do Alecrim dous sujeitos quaesquer, dous ambiciosos, trocam entre si um *shake-hands* e trocam logo em seguida as suas impressões sobre o estado politico do paiz:

— Cada vez vamos a peor; chove a cantaros, o *deficit* cresce a olhos vistos, as nossas galochas são impotentes em nos garantir da humidade, falla-se na creação de novos impostos, as ruas são lamaceiros intransitaveis...

— E é verdade; não tinha dado por isso.

— Ha muitas noites que semelhante estado de cousas me perturba o somno. Vibra em mim toda a alma do paiz, que se encontra a braços com a miseria e vê negrejar no horisonte a nuvem de graves infortunios. Tenho pesadêlos. Os compendios de geographia afiguram-se-me espectros, brochados. O nariz de Pequito, em certas allucinações, entra-me pelo peito dentro como um bico d'ave de rapina, a refocillar-se atrozmente nas minhas entranhas. Já me lembrei de me fazer Prometheu, — a vêr. Se nós creassemos alguma cousa?

— E é verdade! Se nós creassemos alguma cousa?

— Não tem uma cousa qualquer em vista, uma idéa?...

— Uma idéa! eu não senhor, não tenho. O Baltar, o Baltar do *Primeiro de Janeiro* é que tem.

— Crear um banco...
— Ou uma casa de commissões...
— Ora deixe estar, que eu vou pensar para casa.

*

Pensou. Elle, a bem dizer, não pensou, — parafusou. Parafusou e parafusou muito. Dizia-lhe o instincto, — quando não fosse o raciocinio, — que se achava n'um paiz debilitado, anemico, extravagante como um symptoma rebelde á diagnose, doente, — muito doente, — com appetites depravados de quem tem o paladar estragado pela cozinha franceza que se faz no Arco do Bandeira, — n'um paiz talhado para as aventuras audazes e para os aventureiros audaciosos. Um paiz assim, — palavra d'honra, — presta-se ás grandes creações burlescas e aos grandes regabofes atrevidos. A questão é — crear alguma cousa.

O snr. Luciano Cordeiro, então, soccorreu-se á sua critica, á sua esthetica, á sua anthropologia, á sua ethnographia, ao seu germanismo, sobretudo.

Crear alguma cousa, — isso é bom de dizer. A difficuldade está em realisal-o. E o erudito primeiro secretario da — Geographica — sentia-se positivamente exhausto de propriedades creadoras, depois de ter creado o poeta Ulurus. Viu-se o resultado d'esse prodigioso afan creador, combinado com a impotencia genesica: foi que o snr. Luciano Cordeiro, ao ca-

bo da sua gestação critica e sociologica, imaginando ter creado um partido, apenas obteve o exito sufficientemente *shocking* de crear — bichos.

Creou pulgas, — pulgas industriosas, — o maganão! Elle creou pulgas, disse-o o snr. Marianno de Carvalho, — politico, polemista, orador e astronomo, — habituado a lidar pelo telescopio com os infinitamente grandes e pelo microscopio com os infinitamente pequenos, — com os planetas e os infusorios, com os astros e os vermes, com as estrellas e com as pulgas.

Um partido de pulgas! Eu, — a fallar francamente, — morreria de nojo se não tomasse antes a determinação de viver pelo riso. Este homem, este jornalista, este geographo, este critico ou cousa que o valha, — a formar um partido sem partidarios quando se convenceu emfim de que nenhum partido o queria, — a crear, — não repito a palavra porque receio estourar pelas ilhargas, — este homem, realmente, tem para mim as propriedades extravagantes do hydrogenio, que os velhos alchymistas denominaram *gaz hilariante*.

Um partido de pulgas!

*

E comtudo, é impossivel deixar de tremer pelo futuro da patria, que por este caminhar se arrisca a transformar-se n'uma immensa estalagem sordida,

*

d'essas que a snr.ª Rattazzi designou á indignação da Europa aceada, com citações do *Primo Bazilio*. O primeiro passo está dado. Ámanhã, — quem sabe? — fundar-se-ha um partido de persevejos, que apenas será o precursor historico d'outro partido mais avançado, mais positivo, mais moderno, — d'um partido de..., — com licença! — d'um partido de..., — é horrivel! — d'um... partido... de... piolhos!

E depois, uma conquista sociologica reclama imperiosamente outra. O piolho reclama o...

Ah, que se não fôra o sentimento das conveniencias...

*

Imponhamos silencio ás considerações philosophicas como um livro de Kant e ás considerações graves como uma casaca preta, que tal assumpto poderia desafiar, — perante o incommensuravel ridiculo que aperta nos seus anneis de serpente a mirobolante idéa primordial do partido do snr. conde de Valbom. Idéa e partido — desabam a piparotes de gargalhadas. D'essa creação cerebrina, o snr. conde sahe corrido por uma assuada funambulesca de que a muito custo se rehabilitará, — se se rehabilitar. Quanto ao snr. Luciano Cordeiro, — esse, para quem tudo seria ganho, — obterá, uma vez por todas, o convencimento final de que já não ha — geographos.

Acabaram-se os geographos! acabaram-se os de-

graus! acabaram-se os pedestaes de nullidades cheias de vento, — á falta de sciencia, — sopradas por um capricho inexplicavel da sorte, n'este phantastico paiz que uma evolução de seculos foi gradualmente dispondo para a risota, para a opera de Offenbach, com *couplets* de Meilhac.

Mais tarde, quando sobre o nosso tempo a historia tiver pousado uma grossa camada de poeira, e os archeologos d'então espanejarem a superficie de — hoje, — antiquarios, anthropologistas, geologos encontrarão soterrada nas alturas do largo do Barão de Quintella uma carcassa pulverulenta, ao fazerem as suas excavações, e dirão uns para os outros, — parece mesmo que os estou a vêr, — :

— Que queixo!

Em seguida ao que, tendo encontrado nos escombros, junto d'esse exemplar osteologico, um numero do *Commercio de Lisboa,* passarão a architectar hypotheses scientificas sobre o achado:

— Elle, pela disposição das maxillas, é prehistorico, é mastodontico, pertence ao periodo terciario. O collega tem ahi o seu — Quatrefages?

— Não tenho, deixei-o em casa, onde aliás quasi nunca o consulto. Está atrazadissimo...

— Concordo. Mas emfim, pela aproximação d'este papel que milagrosamente se tem salvo d'uma destruição completa... Será, — permittam-me o arrojo da hypothese, — será elle o redactor principal...

— Deve ser, deve ser elle. Tentemos decifrar es-

tes caracteres exoticos, em que realmente não ha muita semelhança com os caracteres cuneiformes, e vejamos.

Segue-se uma discussão acalorada. Os philologos lançam mão da cousa, vão para casa estudar, estabelecem parallelos linguisticos, e por fim conseguem restabelecer uma grammatica fundamental do idioma do *Commercio de Lisboa*.

Reunidos em sessão da Academia com todos os sabios da sua época, lêem então, estropiando-lhes um pouco a prosodia, os artigos do secretario do partido novo, e traduzem-n'os para vulgar.

— Tem graça, tem muita graça! — dirão os sabios. Mas é realmente uma conquista para a sciencia, para a historia das extravagancias do espirito humano. Advogar a necessidade d'um partido monarchico, n'um paiz monarchico! Tem graça, tem muita graça! E o nome do redactor?

— O redactor chamava-se, — opinará o relator do parecer no tom bochechudo de quem traz mais um nome glorioso para o catalogo dos heroes, — o relator chamava-se, se os meus processos philologicos me não enganam, Luciano. Esta minha debilidade de confiança nos processos que tive a suprema honra d'applicar ao documento em questão, proveem do vocabulo que encontro em seguida ao nome, e que, traduzido segundo o mesmo criterio, quer dizer: — Cordeiro. Para appellido, acho-o lanzudo; para nome de guerra, — como entre os Pelles-Vermelhas, — parece-me um tanto... timido.

— Pois não tem que vêr, é appellido; o estylo dos artigos tambem é fôfo e commodista, — observará um immortal.

Mas n'este ponto da discussão, intervem um historiador com a grande luz do seu espirito, e estabelece positivamente a verdade:

— Meus senhores, assim como houve Napoleão, o *Grande,* D. Pedro, o *Crú,* e Pepino, o *Breve,* — esse homem é Luciano, o *Cordeiro.*

*

Console-se commigo da mansidão evangelica d'esse cognome que a posteridade lhe adjudicará, — snr. secretario da — Geographica, — console-se commigo, que serei ferinamente para os vindouros: — Eduardo de Barros, o *Lobo.*

---

## III

Os progressistas teem uma vocação decidida para estafar os grandes cavallos de batalha politicos: de ha annos a esta parte, teem posto na espinha nada menos de quatro, e ainda assim é preciso notar que

eram animaes possantes, apresentando-se com uma exuberancia extraordinaria de musculos e de nervos, parecendo capazes de pisar triumphantes o campo das pelejas partidarias, sem a minima decrescencia no seu formidavel vigor.

Primeiro, a questão da penitenciaria: mezes e mezes, a imprensa do Alecrim cavalgou sem descanço o orgulhoso corcel, fazendo-o caracolar com graça, obrigando-o a encabritar-se com arreganho, atirando-o com rompante por cima de vallados monstros, coagindo-o a galgar sebes d'uma altura prodigiosa.

O partido progressista, esse Tom Pouce da politica indigena, pavoneava-se microscopico no sellim do terrivel bucephalo, queria assim metter medo ás filas inimigas, punha em jogo todos os recursos de elasticidade dos musculos faciaes, desfazia-se em caretas com que pretendia aterrar os adversarios, como na ultima guerra da China os soldados do Celeste Imperio tentavam pôr em debandada o exercito alliado, fazendo-se preceder de dragões de papelão que rojavam pelas narinas um halito de resina inflammada e vomitavam pela bocca umas golfadas indigestas de foguetões enormes.

Nos intervallos de crise, o snr. Marianno de Carvalho apresentava-se no largo de S. Roque com a sua physionomia mais austera, tomava uma attitude heroica, fazia um gesto gravido d'assombros, e dizia n'uma voz soturna:

—Os escandalos da Penitenciaria!...

E ficava-se: esta singela phrase era medonha de commentarios severos.

Mas um dia, esse cavallo de batalha morreu ao canto das estrebarias progressistas, reduzido de ginete glorioso á pifia qualidade de pileca, apenas com a pelle sobre o osso.

Os combatentes do Alecrim derramaram então lagrimas de dôr, em que não seria difficil encontrar moleculas de raiva. Correu-se todas as coudelarias politicas, e pouco tempo depois um palafreneiro garboso conduzia á redea para o picadeiro progressista um cavallorio não menos phenomenal que o fallecido.

Reconheceram-no logo: arregaçaram-lhe os beiços, que se franziram n'um sorriso atroz de pungente ironia, examinaram-lhe os cascos, deram-lhe palmadas nas ancas, aproximaram-se d'elle para o analysarem pelo miudo e afastaram-se com vagar para o avaliarem por junto, trocaram olhares satisfeitos, e o veterinario da casa iniciou os profanos:

— Não ha que duvidar: temos em nosso poder as obras publicas do Algarve. Bello animal!

E era, effectivamente.

Os cavalleiros da Granja montaram-no todos os dias durante horas seguidas, moeram-no sem dó nem piedade, forçaram-no a correrias incommensuraveis na pista do seu facciosismo implacavel, — e tão conscienciosamente o estafaram, que poucos dias depois, ainda o snr. Marianno de Carvalho não tinha desembuchado de todo a sua phrase d'effeito:

— As obras publicas do Al...

... E já o pobre animal se estatelava exhausto na calçada, com um ultimo arranco d'agonia.

Immensa consternação no acampamento progressista: os chefes da aguerrida cohorte arrepellaram-se de furia, — uma furia que se não aplacou senão quando os acasos da politica lhes ministraram um outro cavallo de batalha sanguineo, tumido de grandes promessas, fazendo tremer o chão com o embate das suas ferraduras enormes.

— Upa! — bradaram em côro os companheiros da Granja. Cá temos a concessão da Zambezia!

Pobre bicho! Meia duzia de dias mais tarde, fatigado de galgar a pista do circo Price, enfartado de rhetorica ansuriana, com um aguamento lastimoso de bom senso politico, o coitado escarvou na terra um leito de morte, e para alli se deixou morrer de inanição. Os mais graduados da legião progressista rodeavam-no com desalento, e ao longe ouvia-se uma voz esganiçada que declamava versos dos *Lusiadas* e pedia supplicante as Berlengas.

O snr. Marianno de Carvalho, que no largo de S. Roque tomava uma attitude heroica e esboçava um gesto gravido d'assombros, com a sua physionomia mais austera, preparando-se para n'uma voz soturna exclamar:

— A concessão da Zambezia!...

... ficou com a palavra entalada na garganta, o braço erguido silenciosamente n'uma elevação tragica, desesperando de subjugar um dia o supremo poder que se lhe negava.

E comtudo, n'uma bella manhã, o partido progressista, que se deitára amargurado e demagogico na cama dura dos longos appetites insatisfeitos, acordou no fôfo colchão da governança publica, ao fulgor rutilante do grande sol do poder, que faiscava nas vidraças do Terreiro do Paço.

Esplendida alvorada!

Vamos, toca a fartar! é preciso saciar esta fome d'oito annos! Revolvam-se os archivos das secretarias! Espaneje-se de sobre a papelada governamental a poeira que tapa os formidaveis escandalos!

E então o partido, arregimentado em commissões espionadoras, remexeu as gavetas das mesas, metteu-se por debaixo dos bancos, varejou as trazeiras das estantes, até que na ponta do seu gancho veio um documento em termos, capaz de se prestar á dissecção desleal. O snr. Marianno de Carvalho leu, achou que se podia tirar partido d'aquelle providencial cavallo de batalha, correu todo esbaforido ao largo de S. Roque, tomou uma attitude heroica, muniu-se da sua physionomia mais austera, fez um largo gesto gravido d'assombros, e exclamou n'uma voz soturna:

— As gratificações illegaes!...

Medonho!

No primeiro mez de governo progressista, o partido regenerador teve a soffrer um decreto-moção abolindo por illegaes todas as gratificações concedidas, teve a soffrer philippicas esmagadoras da parte da imprensa governamental, teve a soffrer... cousas

que nem o diabo soffreria sem fazer espantosas caretas de dôr.

*

E no segundo mez, em cada ministerio successivamente, as gratificações eram restabelecidas...

---

## IV

Estas ultimas paginas estavam destinadas a largas considerações philosophicas, determinantes de uma vigorosa evolução no campo da sciencia, quando as minhas forças, trahidas naturalmente pelo excesso de trabalho mental, vergaram de subito n'uma syncope que durou não sei quantos minutos, e tive de recolher ao conchego enfermiço da cama. Nem o mundo sabe o que perdeu.

Pelos meus calculos, a Europa devia ficar de bocca aberta, e a America d'olhos fechados, n'uma profunda somneca libidinosa, por ter saboreado a grandeza da minha erudição. Pelo menos, eu penso que só a essa causa deve attribuir-se o effeito narcotico da sciencia farfalhuda e cheia de divagações pulverulentas, porque me repugna attribuil-o a causas me-

nos veneraveis e mais aborreciveis, como as más linguas soem espalhar.

Tenho um grande respeito pelos marmellos crus, — o que, para quem andar em dia com a litteratura iconoclasta de Camillo, quanto a uns modernos theocratas, equivale a dizer que tambem tenho um grande respeito pelo snr. Theophilo. Ora eu, em tal caso, penetrado do grande doutor e não menos penetrado dos marmellos crus, recuso-me abertamente, quando pego no somno ahi por volta da quarta pagina dos livros do primeiro, a suppôr nem mesmo por sombras que taes livros, como expansões de sciencia, sejam simples succedaneos do chá de papoulas. Ver-me-hia na dura necessidade, ao examinal-os como productos separadamente materiaes d'uma industria, de os considerar tambem simples succedaneos do papel pardo para uso das mercearias. Um horror.

Tive, pois, d'aquelle obstaculo ao jorrar das minhas mais recentes descobertas scientificas, um fundo pezar que estou certo os leitores partilharão commigo: mas tive um grande orgulho, senti-me muito interessante n'aquelle momento: estava intensamente pallido, d'uma debilidade toda feminina, braços pendentes, mãos com o tom da cera. Depois de ter vergonhosamente desmaiado como qualquer menina romantica, ouvi uma gritaria confusa que me parecia vir muito de longe, em sonho, e quando voltei a mim, o primeiro uso que fiz da falla foi para mandar pôr fóra o cão que passarinhava no quarto,

fitando-me de vez em quando com estranheza. Só mais tarde, recordando os bons modêlos tradicionaes, é que me lembrei que devia ter exclamado:

— Onde estou eu?

Entretanto, aquella syncope podia muito bem ser um aviso do meu anjo da guarda; inventariei no espirito os meus peccados, e depois de pensar na intervenção do confessor em caso tão grave, mandei chamar um medico. Veio logo o medico, homem ainda novo e d'apparencia robusta, com um vago parecer valetudinario que lhe dão as suas lunetas pretas, e tomou-me o pulso. Eu contei-lhe então que andava constipado, algum tanto febril, sem o minimo appetite, muitas cousas que agora me não lembram bem.

Creio que o homem descobriu nas minhas palavras um quasi-nada de terror, — terror, eu! — porque sorriu e limitou-se a diagnosticar:

— Anemia!

Mas aquillo era tão vago...

— Olhe, — continuou elle, — para a garganta receito-lhe chlorato de potassa; para a fraqueza, coma-lhe muito, beba-lhe bem, e verá. O que o senhor precisa é bons caldos. Nada de café nem de chá. Depois, fortaleça-se com bacalhau assado, com tripas...

Com tripas! Fiquei consternado, e conheci que o meu mal era incuravel. Quando o desânimo da situação me mergulhou no somno, tive então um pesadelo atroz, em que via o snr. Ramalho Orti-

gão, de mangas arregaçadas e avental á cinta, muito preoccupado com a questão dos caldos, leccionar pedagogicamente a cozinheira da casa,—e o snr. Adriano Anthero, cheio d'indignações patrioticas e toucado de flôres de rhetorica, perseguir-me com uma travessa de tripas.

.....

Antes a morte!